

ENTRE AS CINZAS DE ISENGARD E O VERDE DE FANGORN:

por uma análise Ecocrítica de *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien

BETWEEN THE ASHES OF ISENGARD AND THE GREEN OF FANGORN:

for an Ecocritical analysis of *The Lord of the Rings*, by J. R. R. Tolkien

Mateus Roque da Silva¹

Raul Chatel Neto²

RESUMO

Todo o *legendarium* de J. R. R. Tolkien demonstra uma profunda preocupação com o meio ambiente. O autor de *O Hobbit* ocupou-se, cuidadosamente, de toda a fauna e de toda a flora da Terra-Média, concedendo autonomia aos seus ecossistemas e, não raramente, o protagonismo necessário. Diante dessa forte presença em sua poética, o corrente artigo buscará analisar, com base nos estudos Ecocríticos (GARRARD 2004; BARRY, 2009), como as relações de exploração do meio ambiente se encenam em “O Senhor dos Anéis”, centrando-nos, mais especificamente, na dialética relação do mago Saruman, senhor de Isengard, com a floresta de Fangorn, protegida pelos *Ents*. Para além desse eixo, o trabalho buscará discutir, ainda, o conceito de maravilhoso puro, à luz de Tzvetan Todorov (2010), aplicado à obra, e, paralelamente, realizar alguns apontamentos acerca da crítica à modernidade, realizada por Tolkien, ao tratar dos temas relacionados à industrialização e ao desmatamento (TEIXEIRA, 2011; PAVANI & LOURENÇO, 2022).

Palavras-Chave: Ecocrítica. O Senhor dos Anéis. Natureza. Terra-Média.

ABSTRACT

All of J. R. R. Tolkien's legends demonstrate a deep concern about the environment. The author of *The Hobbit* carefully took care of all the fauna and flora of Middle earth, granting autonomy to its ecosystems and, not infrequently, the necessary protagonism. Given this strong presence in his poetics, the current article will seek to analyze, based on Ecocritical studies (GARRARD, 2004; BARRY, 2009), how relations of environmental exploitation are enacted in “The Lord of the Rings”, focusing, more specifically, in the dialectical relationship of the wizard Saruman, lord of Isengard, with the forest of Fangorn, protected by the Ents. In addition to this axis, the work will also seek to discuss the concept of pure marvelous, in the light of Tzvetan Todorov (2010), applied to the work and, in parallel, make some notes on the critique of modernity carried out by Tolkien when dealing with related themes such as industrialization and deforestation (TEIXEIRA, 2011; PAVANI & LOURENÇO, 2022).

Keywords: Ecocriticism. The Lord of the Rings. Nature. Middle earth.

¹ Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista CAPES e coordenador do Grupo de Estudos em História e Literatura (GEHISLIT/ PUC Minas). E-mail: mateusroques@yahoo.com

² Especialista em Processo Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), graduando em Letras, Português e Literaturas, pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). E-mail: raul.chatel@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em todas as minhas obras eu fico do lado das
árvores contra todos os seus inimigos.
J. R. R. Tolkien

*O legendarium*³ de J. R. R. Tolkien (1892-1973) demonstra uma profunda preocupação com o meio ambiente. Seja na descrição de seus cenários naturais ou mesmo no trato direto de questões como o desmatamento e a expansão desenfreada dos assentamentos humanos, o autor de *O Senhor dos Anéis* não poupa palavras para referir-se à fauna e à flora da Terra-Média. Diante dessa potencialidade poética, diversos críticos, como Paulo Teixeira (2011) e Humphrey Carpenter (2012), passaram a dedicar-se ao estudo do universo ficcional tolkieniano a partir dessa perspectiva, revelando o forte teor sociopolítico de sua obra e, ao mesmo tempo, sua profunda preocupação com a brutalidade – do ponto de vista humano e ambiental – da industrialização nos países centrais ao capitalismo moderno.

Já em seu primeiro romance, *O Hobbit* (1937), o narrador, ao apresentar um dos grandes empecilhos à comitiva de Thorin rumo à Montanha Solitária, relata como o grupo – composto por treze anões, o mago Gandalf e o pequeno *hobbit* Bilbo Bolseiro – foram encurralados, após escaparem das cavernas dos *goblins*, por famintos lobos da floresta. Essas criaturas, conhecidas como *wargs*, eram grandes e, com a constante expansão humana para o seu território, tornaram-se muito violentas, tendo em vista que

[...] apesar dos perigos dessa terra distante, homens corajosos, em tempos recentes, tinham começado a retornar a ela vindos do Sul, cortando árvores e construindo para si lugares onde viver em meio às matas mais agradáveis, nos vales e ao longo das margens dos rios. Havia muitos deles e eram valentes e bem armados, e mesmo os *wargs* não ousavam atacá-los se muitos deles estavam juntos, ou com o dia claro. (TOLKIEN, 2019b, p. 126).

Essa cena, embora enaltecesse a coragem dos homens, escancara, ao mesmo tempo, os impactos desse movimento na fauna local, destacando, sobretudo, o novo comportamento adotado pelos animais na floresta. De maneira análoga, segundo Carpenter (2018), um dos mais importantes biógrafos de Tolkien, essa inquietação não se circunscrevia ao seu universo ficcional, pois o próprio autor empírico sentia muito desconforto ao passar pelos locais onde vivera sua infância, especialmente por considerar que toda a paisagem, sobretudo natural, havia

³ *O legendarium* de Tolkien refere-se a todo material registrado e publicado pelo autor que abarca o universo e a mitologia da Terra-Média.

sido extremamente modificada pelas lojas, pelos bondes e pelas feias casinhas modernas⁴. Nessa época da vida, complementa Carpenter (2018), “ele dizia que não restara uma única floresta ou encosta intacta no país [Inglaterra] e que, se ainda existisse, ele se recusaria a visitá-la por temer encontrá-la contaminada pelo lixo.” (CARPENTER, 2018, p. 173). Dessa forma, afirma Roney Pavani (2022), “muito mais do que um autor de contos infantis, J. R. R. Tolkien fez parte de uma importante tradição literária anti-industrial e antimodernista em seu país” (PAVANI, 2022, p. 520).

Filho de pais ingleses, Tolkien nasceu em três de janeiro de 1892, no território que hoje corresponde à África do Sul, mudando-se para a Inglaterra, junto de sua mãe e do irmão mais novo, três anos mais tarde. Nesse período, a Grã-Bretanha vivenciava o ápice da segunda Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII. Em termos práticos, a segunda fase desse movimento impulsionou consideravelmente as áreas químicas, sobretudo, as ligadas ao petróleo, ao trabalho com o aço e à difusão da eletricidade que, progressivamente, transformaram o solo inglês em uma grande fábrica. Devido ao fato de ter vivido parte de sua infância em Birmingham, o autor de *O Hobbit* observou de perto o desenvolvimento industrial de seu país, elevado à categoria máxima durante as duas grandes guerras mundiais, ocorridas entre os anos de 1914 e 1945.

Baseado na trajetória e na obra de Tolkien, o presente artigo buscará analisar, a partir dos estudos ecocríticos, como as relações de exploração do meio ambiente se encenam em *O Senhor dos Anéis*, centrando-nos, mais especificamente, na dialética relação entre Saruman, líder dos magos da Terra-Média, e a floresta de Fangorn. O trabalho, para tanto, se dividirá em três subseções complementares, sejam elas: 1) “O maravilhoso puro e o *legendarium* de J.R.R. Tolkien”, em que se discute, com base nas formulações de Tzvetan Todorov (2010), o conceito de “maravilhoso” e de “maravilhoso puro”, bem como a sua aplicabilidade ao universo tolkieniano; 2) “O Senhor dos Anéis e a Ecocrítica”, em que se levantam algumas reflexões, ancoradas nos estudos ecocríticos de Garrard (2004) e Barry (2009), acerca do aludido romance, suscitando, assim, uma nova forma de interpretação dos eventos ligados à natureza e ao indivíduo na obra. Por fim, em 3) “As consequências da exploração da Floresta de Fangorn”,

⁴ Paulo Teixeira, em sua dissertação “Magia e tecnologia a serviço da verdade”, defendida, em 2011, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, discute, em maior profundidade, a relação de Tolkien com a modernidade, bem como as formas pelas quais o autor encenou suas percepções em sua obra ficcional.

são analisados os efeitos da destruição do meio ambiente em *O Senhor dos Anéis*, vinculando o debate a uma crítica mais ampla à modernidade de acordo com Paulo Teixeira (2011), Roney Pavani e Suellen Lourenço (2022).

O MARAVILHOSO PURO E O *LEGENDARIUM* DE J. R. R. TOLKIEN

Segundo os estudos de David Roas (2014) e Stéfano Stainle (2021), uma das formas de se compreender e analisar o *legendarium* de Tolkien é por meio da perspectiva do “maravilhoso”. Essa visão teórica, amplamente desenvolvida por Tzvetan Todorov (2011) em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, materializa-se nas narrativas ficcionais que, de algum modo, afastam-se das leis que regem a realidade humana, conduzindo os personagens e os leitores a um outro universo, quase sempre distinto do previamente conhecido. Para o teórico búlgaro, esse movimento não se apresenta como um problema na composição ficcional, pois “o discurso literário não pode ser verdadeiro ou falso, só pode ser válido com relação às suas próprias premissas” (TODOROV, 2011, p. 14). Em outras palavras, não há como tratar algo por falso ou verdadeiro fora da lógica interna do texto, uma vez que é a coerência interna da narrativa que define as regras do jogo discursivo⁵. Personagens e leitores, nos textos maravilhosos, aceitam, sem hesitações, todas as possibilidades criativas presentes na narrativa.

Há, portanto, um pacto ficcional entre os envolvidos, possibilitando o surgimento de mundos cujas regras operam de formas distintas da realidade concreta, seja pelo caráter criador, em toda sua onipotência, do autor literário ou mesmo pela subversão e inversão do universo preconcebido. Nesse jogo, as aparições mágicas tornam-se comuns: novas espécies passam a existir na fauna e na flora e, não raramente, os animais – nas casas ou nos bosques – adquirem o poder de uma linguagem fluida e bem articulada. Embora as exemplificações sejam diversas, em nenhum desses casos, conforme constata-se nos mais diversos gêneros literários, como as fábulas, os contos de fadas e até mesmo nos romances fantásticos (STAINLE, 2021), existe uma intenção autoral de provocar estranhamento ao leitor, bem como aos personagens que vivenciam esse universo, afinal, essa nova realidade que já foi firmada, via pacto ficcional, entre a tríade autor, leitor e personagem.

⁵ De modo complementar, “[a] linguagem literária é uma linguagem convencional em que a prova de verdade é impossível: a verdade é uma relação entre as palavras e as coisas que estas designam; ora, em literatura, estas ‘coisas’ não existem. Ao contrário, a literatura conhece uma exigência de validade ou de coerência interna [...] toda a literatura escapa à categoria do verdadeiro e do falso.” (TODOROV, 2011, p. 91).

Tzvetan Todorov (2011) apresenta-nos, ainda, o conceito de “maravilhoso puro”, uma espécie de manifestação perfeita do sobrenatural aceito. Para ele, a partir dessa perspectiva,

[...] os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem às personagens nem ao leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. [...] Para delimitar o maravilhoso puro, convém dele afastar, portanto, numerosos tipos de narrativa, em que o sobrenatural recebe certa justificação. (TODOROV, 2011, p. 60).

Desse modo, para Todorov (2011), o “maravilhoso puro” se exime da necessidade de quaisquer explicações que se baseiem nas regras do mundo concreto. O leitor e os personagens encaram com naturalidade todo o jogo narrativo estabelecido no universo ficcional, diferenciando-se, desse modo, a literatura do “maravilhoso” e a literatura do “fantástico”, pois no segundo há, em diversos níveis, a hesitação e o estranhamento dos sujeitos diante dos eventos. Em suma, para David Roas (2014),

[...] diferentemente da literatura fantástica, na literatura maravilhosa o sobrenatural é mostrado como natural, em um espaço muito diferente do lugar em que vive o leitor (pensemos, por exemplo, no mundo dos contos de fadas tradicionais ou na Terra-Média em que está ambientado “O Senhor dos Anéis”, de Tolkien). O mundo maravilhoso é um lugar totalmente inventado em que as confrontações básicas que geram o fantástico (a oposição natural/sobrenatural, ordinário/extraordinário) não estão colocadas, já que nele tudo é possível – encantamentos, milagres, metamorfoses – sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que seja algo normal, natural. Cada gênero tem sua própria verossimilhança: colocado como algo normal, “real”, dentro dos parâmetros físicos desse espaço maravilhoso, aceitamos tudo aquilo que acontece ali sem questioná-lo (não o confrontamos com nossa experiência do mundo). (ROAS, 2014, p. 33-34).

Diante do exposto, Tolkien, em seu *legendarium*, criou um dos mais amplos universos ficcionais da literatura moderna, em que se pode facilmente constatar a formação de diversos impérios humanos, élficos, e anões; a estruturação de idiomas complexos, como os falados pelos elfos das florestas ou pelos temidos *orcs* das terras sombrias de Mordor, ou, ainda, a tensa política internacional entre essas entidades políticas. Nesse mundo, ferozes dragões defendem incontáveis tesouros, homens mortos compõem grandes exércitos e a natureza, comumente compreendida como passiva diante dos homens, adquire ações que, de todo modo, garantem sua sobrevivência em um mundo devastado pela guerra e pela sombra de Sauron.

Contudo, há de se destacar que embora o autor, nos textos maravilhosos, tenha maior liberdade criativa, sua referencialidade, em última instância, continua sendo o mundo material. Para Ranieri Carli (2012), estudioso do realismo de Gyorgy Lukács, “a produção artística não plana acima das mentes dos homens. Com efeito, a peculiaridade do estético diz respeito ao

próprio homem. Isto é, ao homem concreto, que está no seio de tendências sociais realmente existentes, cuja natureza é o conjunto das relações sociais” (CARLI, 2012, p. 19). Logo, a literatura, em seu sentido mais amplo, mostra-se, nessa perspectiva, como um espaço privilegiado de distanciamento da realidade concreta, na qual o homem, por outro ângulo, pode (re)observá-la, (re)analisá-la e (re)interpretá-la.

O SENHOR DOS ANÉIS E A ECOCRÍTICA

Peter Barry, professor e estudioso da literatura, em sua obra *The Beginning Theory: an Introduction to Literary and Cultural Theory* (2009), baseado nos estudos de Cheryl Glotfelty e Harold Fromm (1996), define a ecocrítica como a produção cultural do indivíduo que, em últimas consequências, reflete criticamente a sua relação com o meio ambiente. É, em outros termos, uma forma interdisciplinar de abordar a natureza, lançando sobre ela uma nova perspectiva crítica e, ao mesmo tempo, elucidando possíveis formas de se compreender a inter-relação entre o ser humano e a natureza. Evidencia-se, portanto, não apenas o sujeito, mas ele em face de seu ambiente, lançando luz sobre o complexo movimento dialético de ação e reação entre ambos. Vejamos:

[...] Para o ecocrítico, a natureza realmente existe para além de nós mesmos, não precisando ser conceituada através de aspas, mas reconhecida como uma presença equivalente a uma entidade que nos afeta e que podemos afetar, até mesmo fatalmente. A natureza, portanto, não é um conceito redutível somente ao que concebemos como passado de nossa prática cultural (BARRY, 2009, p. 163, tradução nossa).⁶

Para o crítico literário Greg Garrard (2004), existem critérios sobre os quais se fundamenta o movimento ecocrítico ou o estudo permeado por ele, seguindo uma perspectiva na qual a natureza não se mostra apenas como uma caracterização do ambiente, mas, antes disso, como uma voz autônoma, uma instância material que, ao mesmo tempo, sofre e impele mudanças em seu meio. A ecocrítica, nesse sentido, não se apoia em uma leitura limitada do meio ambiente, mas, ao invés disso, a faz em uma leitura sempre amplificada, cautelosa e acertada. Seus critérios baseiam-se na presença do ambiente não humano, pois compreende-se que a história da humanidade está inserida na história natural e que o interesse humano não é

⁶ No original, em inglês: “For the ecocritic, nature really exists, out there beyond ourselves, not needing to be ironized as a concept by enclosure within knowing inverted commas, but actually present as an entity which affects us, and which we can affect, perhaps fatally, if we mistreat it. Nature, then, isn't reducible to a concept which we conceive as part of our cultural practice” (Barry, 2009, p. 163).

compreendido como o único a ser respeitado; deve-se existir uma ética entre a ação humana e a responsabilidade ao lidar com o meio ambiente, concebido como um processo vivo e não somente como mera ambientação.

Quando voltada à análise literária, a abordagem ecocrítica efetiva-se por meio da centralidade nos múltiplos elementos naturais, percebidos não apenas como componentes fundamentais dos cenários, mas como objetos de maior importância. Analisa-se, nesse sentido, a relação histórica do homem com o ambiente em que vive, interage e modifica. Raymond Williams, em sua obra *The Country and the Cities* (1973), já abordava essa questão voltada ao texto literário, demonstrando, no capítulo intitulado *The Green Language*, a tensão tradicional entre o ambiente urbano e natural, além das consequências do desenvolvimento social e tecnológico para o meio ambiente. Nessa perspectiva, o autor literário, ao reconhecer a existência e unicidade da natureza, traz aos seus leitores o entendimento pleno de que todos os seres vivos fazem parte desse mesmo complexo ecossistema.

Assim, Peter Barry (2009), em diálogo com os autores, pensadores e filósofos ecocríticos, esclarece que a leitura das obras ficcionais, a partir dessa concepção, deve buscar, no meio ambiente, a ampliação do escopo das palavras “energia”, “transformação”, “mundo natural”, “equilíbrio”, “sustentabilidade”, entre outras, a fim de explicitar que tais terminologias e vozes não são fins em si mesmas, mas reveladoras da amplitude das próprias composições poéticas. Diante disso, nota-se que a literatura, em seus mais diversos gêneros, tem o poder de compartilhar sentidos de um mundo humano em profunda consonância com mundo natural.

A obra de Tolkien (2019) relaciona-se com a questão ecocrítica na medida em que discute o progresso civilizacional em face dos ataques à natureza, encenando esse debate, com mais profundidade, na tensão existente entre o mago Saruman e a Floresta de Fangorn, principal recorte utilizado para a elaboração desse artigo. Esse embate pode ser percebido a partir do grande desejo do mago corrompido, influenciado pela força sombria de Sauron, de, fazendo uso de seus conhecimentos místicos e naturais, dominar toda a Terra-Média. Para cumprir seus objetivos, a grande floresta de Fangorn é violada, gerando combustível para as investidas do exército de Saruman, desencadeando posteriormente, como é de se supor, uma reação dessa mesma natureza em face da sua degradação.

Estudioso da Terra-Média, Doron Darnov, em seu artigo "*A mind of metal and wheels*": *Technology, Instrumental Reason, and Industrialization in The Lord of the Rings* (2015),

discute alguns aspectos primordiais entre a relação da fantasia e do meio ambiente no *legendarium* de Tolkien. Para o crítico, o universo tolkieniano emerge a partir de uma percepção maniqueísta, em seu sentido mais amplo⁷, em que se pode observar a forte e constante tensão entre as forças do bem e do mal, que, no tocante à questão ecocrítica, se materializa no profundo desejo do segundo em controlar e submeter a natureza aos seus desejos de poder, ao passo que o primeiro se ancora, sobretudo, na figura dos elfos da floresta, na fruição, proteção e promoção dos ambientes naturais.

A sombria terra de Mordor, governada pelo Senhor do Escuro Sauron, ergue-se, nesse contexto, “em direção ao sul, o sol, perfurando a fumaça e a névoa, queimava ominoso, um disco vermelho opaco e ofuscado; mas toda Mordor jazia ao redor da Montanha [do Vulcão] como uma terra morta, silenciosa, envolta em sombras” (TOLKIEN, 2019a, p. 302). Uma grande nuvem, densa e escura, se impunha sobre os domínios de Sauron, “o fogo reluzia em meio à fumaça. A Montanha da Perdição queimava e um cheiro insuportável empestava o ar” (TOLKIEN, 2019a, p. 302). Ao opor-se a essa desastrosa realidade, os reinos élficos de *Valfenda* e *Lothlórien*, protegidos por uma poderosa magia advinda dos anéis de Elrond e Galadriel, eram capazes de resistir às forças de Sauron. Contudo, essa proteção não era, em última instância, reconfortante, pois, conforme o mal se alastrava pela Terra-Média, as florestas élficas logo se converteriam em ilhas de vida sob um cerco de morte. *Lothlórien*, conhecida como a morada mais bela dos Elfos, era uma dessas grandes fortalezas naturais.

[...] Não há árvores como as daquela terra. Pois no outono as folhas não caem, mas se tornam douradas. Só na primavera, quando aparecem as novas folhas verdes, é que elas caem, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas, e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, os pilares são prateados, pois os troncos das árvores são lisos e cinzentos. [...] Meu coração [disse Legolas] se sentiria alegre se eu estivesse sob o abrigo daquela floresta, e se fosse primavera. (TOLKIEN, 2019a, p. 443).

A partir dessa visão dicotômica entre o bem e o mal, paralelamente atrelada à vida e à morte respectivamente, é que se chega aos reinos dos homens, a partir dos quais destacamos Gondor. Essa grande nação tem como símbolo máximo uma grande árvore branca, plantada no

⁷ Salienta-se, aqui, que a perspectiva de Doron Darnov (2015) deve ser encarada em seu sentido mais abrangente, pois nota-se que a composição ficcional de Tolkien extrapola, em sua totalidade, a dualidade entre o bem e o mal. Observa-se, nesse sentido, que entre os vários povos da Terra-Média, como os Elfos e os Anões, há uma série de dilemas, políticos e sociais, que não dizem respeito à guerra do anel, isto é, ao lado A ou ao lado B. Além disso, diversos seres presentes na narrativa, como a aranha gigante Laracna, o Velho Salgueiro, entre outros, não se enquadram nesse jogo dicotômico, uma vez que suas posições ancoram-se em certa neutralidade. Contudo, feitas as devidas ressalvas, acredita-se que essa perspectiva seja válida quando direcionada à relação de Sauron (síntese do mal, metaforizado pelas sombras) e seus inimigos (defensores da Terra-Média, metaforizados pela luz).

alto da cidade de Minas Tirith, sua capital. A árvore comporta-se, dentro desse universo, como uma espécie de medidor da prosperidade dos homens na Terra-Média. Com o aparente fim da linhagem dos reis de Gondor e o crescente fortalecimento de Sauron e de seu exército das sombras, a grande árvore secou, tornando-se, para muitos, a materialização dos próprios tempos tortuosos.

Após as sombras da guerra, há uma passagem representando o renascer de um mundo próspero, ligado ao florescimento e à esperança, representada justamente pelo signo da muda de outra árvore branca encontrada por Aragorn, doravante por Rei Elessar. A significância do renascimento de uma nova era se atrela a um signo ligado à natureza, conectando, através da teoria ecocrítica, o homem e o mundo natural.

[...] E Gandalf, aproximando-se, olhou para a pequena árvore e disse:
— Realmente, esta é uma muda da linhagem de Nimloth, a bela, e esta foi uma semente de Galathilion, que nasceu do fruto de Telperion dos muitos nomes, a Mais Velha das Árvores. Quem poderá dizer como ela veio parar aqui na hora marcada? Mas este é um antigo local sagrado, e, antes que os reis caíssem ou a Árvore secasse no pátio, um fruto deve ter sido plantado aqui. Pois comenta-se que, embora o fruto da Árvore raramente fique maduro, mesmo assim a vida que existe dentro dele pode dormir através de muitos e muitos anos, e ninguém pode predizer o tempo em que despertará. Lembre-se disso. **Pois, se algum dia um fruto amadurecer, ele deve ser plantado, para evitar que a linhagem desapareça do mundo.** [...] Aragorn encostou delicadamente sua mão à muda de árvore e aí percebeu, surpreso, que ela se prendia muito de leve à terra; retirou-a sem feri-la, e levou-a de volta à Cidadela. Então a árvore seca foi arrancada, mas com reverência; não a queimaram, mas a deitaram para que descansasse no silêncio de Rath Dinen. E Aragorn plantou a nova árvore no pátio perto da fonte, e ela começou a crescer rápida e alegremente; e, quando chegou o mês de junho, ficou carregada de flores.
— O sinal foi dado — disse Aragorn —, e o dia não está distante (TOLKIEN, 2019a, p. 1303, grifos nossos).

Essa tensão entre os opostos, metaforizada pela própria natureza, tem como metonímia, conforme se expõe, a Árvore Branca de Gondor por um lado e, pelo outro, a figura do mago Saruman, o Branco. Apesar de ser detentor de respeito e conhecimento profundo sobre a Terra-Média, conforme exposto em *A Sociedade do Anel* (2019), sua sabedoria, com o passar do tempo, se encaminhou para a soberba e o orgulho. Tais eventos facilitaram sua transição para as sombras e, por conseguinte, fizeram-no desprezar seus nobres objetivos em detrimento do grande poder oferecido por Sauron. Ao aproximar-se dos interesses de Mordor, o mago branco passa a explorar exaustivamente a fauna e a flora da Terra-Média, ora devastando suas florestas, ora controlando magicamente seus habitantes.

— Nunca vi estes símbolos antes — disse Aragorn. — O que significam?
— S é de Sauron — disse Gimli. — Isso é fácil de ler.

— Nada disso — disse Legolas. — Sauron não usa runas élficas.
 — Nem usa seu nome certo, nem permite que seja soletrado ou pronunciado — disse Aragorn. — E ele não usa a cor branca. Os *orcs* a serviço de Barad-dûr usam o símbolo do Olho Vermelho. — Parou por um tempo, pensando.
 — Esse S é de Saruman, eu acho — disse ele finalmente. — O mal está à solta em *Isengard*, e o Oeste já não é seguro. É como Gandalf temia: **de algum modo o traidor Saruman teve notícias de nossa jornada.** É provável também que saiba da queda de Gandalf. Perseguidores de *Moria* podem ter escapado da vigilância de *Lórien*, ou talvez tenham evitado aquela terra, vindo para *Isengard* por outros caminhos. Os *orcs* viajam rápido. Mas Saruman tem muitos meios de conseguir notícias. **Lembram-se dos pássaros?** [Seus espiões] (TOLKIEN, 2019a, p. 591, grifos nossos).

O mago Saruman é o senhor das terras de *Isengard*. Seus domínios se erguem no interior de “um círculo de rochas íngremes que envolvem o vale como uma muralha, e no meio desse vale, há uma torre de pedra chamada Orthanc. [...] Não se pode alcançá-la, a não ser passando pelo círculo de *Isengard*, e naquele círculo só há um portão” (TOLKIEN, 2019a, p. 482). O grande edifício, outrora local de encontro do Conselho dos magos, guardiões da Terra-Média, tornou-se, com a transição de Saruman, um lugar sombrio, cuja fumaça negra sobe constantemente, enfatizando as ininterruptas forjas, alimentadas pela grande floresta de Fangorn (conforme figura 1, a seguir), utilizadas para criar diversas armas para o temido exército de *Uruk-hai*, uma espécie híbrida e mais resistente de *orcs*.

Figura 1 – Demarcação das regiões de *Isengard* e Fangorn



Fonte: Reddit. Disponível em:

https://www.reddit.com/r/inkarnate/comments/iq29gk/isengard_and_bordering_lands_fangorn_forest_west/.

Acesso em: 24 de mar. 2023

Dentre os diversos seres que compõem a fauna e a flora de Fangorn, destacamos os *Ents*, grandes árvores de feições humanas que se comportam como guardiãs das florestas. Essas criaturas articuladas, pensantes e falantes são encontradas pelos pequenos *hobbits* Merry e Pippin que, fugindo dos temíveis *orcs* de Saruman, adentram em Fangorn. Ao se depararem com um *Ent*, conhecido como Barbárvore, o narrador o apresenta como uma

[...] figura grande, parecida com um homem, quase como um *troll*, com pelo menos quatorze pés de altura [cerca de 4 metros], muito robusto, cabeça alta e quase sem pescoço. Se era revestido de um material como casca verde e cinza, ou se era sua pele, era difícil dizer. De qualquer forma, os braços, a pouca distância do tronco, não possuíam rugas, mas eram cobertos por uma pele marrom lisa. Os pés grandes tinham sete dedos cada. A parte inferior do rosto comprido era coberta vastamente por uma barba grisalha, cerrada, quase eriçada na raiz, fina e musgosa nas pontas (TOLKIEN, 2019a, p. 463).

A grande árvore protege os pequenos *hobbits* e, ao fazê-lo, acaba por aproximar-se deles. Com o desenrolar da narrativa, são Merry e Pippin os responsáveis por esclarecer à Barbárvore os impactos do avanço de Saruman, evidenciando como suas ações são extremamente destrutivas para a floresta de Fangorn, desencadeando, posteriormente, na reação dos *Ents* na batalha de Isengard.

[...] Os seres malignos que vieram na Grande Escuridão têm como marca a característica de não suportarem o sol; mas os *orcs* de Saruman suportam, mesmo que o odeiem. Fico imaginando o que ele terá feito. Seriam eles homens que ele arruinou, ou teria ele misturado as raças dos *orcs* e dos homens? Isso seria uma maldade negra! Barbárvore roncou por uns momentos, como se estivesse pronunciando alguma maldição entesca profunda, subterrânea. — Há algum tempo comecei a me perguntar como os *orcs* ousavam passar pela minha floresta tão livremente — continuou ele. — **Só há pouco tempo é que descobri que a culpa era de Saruman, e que há muito tempo ele estivera espiando todos os caminhos, e descobrindo meus segredos** (TOLKIEN, 2019a, p. 663, grifos nossos).

Resta deixar claro que a destruição e a devastação do meio ambiente criaram, ao redor de Isengard, um cenário degradante: tocos passaram a ocupar o lugar dos bosques e as árvores caídas, deixadas para apodrecer, começaram a compor parte da floresta de Fangorn. Diante de tais eventos, encaminhamos-nos para o último movimento deste trabalho, que buscará analisar, à luz da vertente teórica apresentada, as consequências da relação entre o homem, enquanto agente geológico, e a natureza na obra de J. R. R. Tolkien.

AS CONSEQUÊNCIAS DA EXPLORAÇÃO DA FLORESTA DE FANGORN

José Eli da Veiga apresenta, em sua obra *O Antropoceno e as Humanidades* (2023), algumas questões em torno da natureza e do desenvolvimento social no mundo globalizado, destacando o próprio ser humano como principal elemento geológico para as mudanças no meio ambiente, seja ele urbano, rural ou natural. Em outros termos, pode-se afirmar que essa perspectiva, demarcando a era do antropoceno, evidencia, em última instância, a atuação do indivíduo e sua consequente responsabilização pelos desdobramentos, positivos e negativos, das mudanças ambientais. Na sociedade contemporânea, por exemplo, observa-se o desenfreio e brutal movimento de exploração dos indivíduos, bem como do meio ambiente, em favor da manutenção e difusão do capitalismo enquanto sistema, ao passo que, sob a visão tolkieniana, a questão se metaforiza na constante e avassaladora expansão das sombras sobre a Terra-Média. Em ambos os casos, sejam eles factuais ou ficcionais, nota-se que, pelo impulso econômico, político ou ideológico, impõe-se a massiva destruição ecossistêmica.

Em *O Senhor dos Anéis* (2019a), Saruman apresenta-se, a partir dessa chave de leitura, como um dos grandes agentes geológicos de transformação do seu meio. O mago branco, cego pelo poder, avança de forma inconsequente contra os povos de Rohan, destruindo vilarejos e cidades, controlando magicamente homens, animais e toda forma de criaturas fantásticas. Seu poder, conforme se destaca, é grande e suas ações, funestas. No entanto, a base de seu exército e de sua influência encontram-se calcados na inconsequente exploração de recursos naturais.

[...] Sob os muros de Isengard ainda havia glebas cultivadas pelos escravos de Saruman; mas a maior parte do vale se tornara um ermo de ervas daninhas e espinhos. Sarças arrastavam-se no chão ou, subindo por arbustos e ribanceiras, formavam cavernas desgrehadas onde habitavam pequenos animais. Ali não cresciam árvores; mas em meio à relva espessa ainda podiam ser vistos os tocos, queimados e abatidos a machado, de antigos arvoredos. Era uma região triste, agora silenciosa, exceto pelo ruído pedregoso de águas velozes. Fumaças e vapores boiavam em nuvens soturnas e escondiam-se nas grotas. Os cavaleiros não falavam. Muitos tinham dúvidas no coração, perguntando-se a que fim sinistro conduziria sua jornada (TOLKIEN, 2019a, p. 664)

Fora da ficção, a partir de uma leitura simplista e negacionista, pode-se defender, em alguma instância, a passividade da natureza em face das ações humanas. Contudo, conforme atestam os mais diversos campos do saber científico, são as ações humanas que, na verdade, operam como principais desencadeadores do desequilíbrio ambiental, resultando na crescente reação da natureza por meio de enchentes, drásticas oscilações na temperatura global, furacões,

tsunamis, entre outros eventos de grande magnitude. Esse debate, na esfera poética, é bem sistematizado por Tolkien (2019) que, cuidadosamente, destaca o protagonismo da natureza em face de sua destruição.

Em sua obra, não há qualquer passividade. São os *Ents*, seguidos pelas árvores de Fangorn, que (re)agem contra o avanço de Saruman. A Barbárvore, uma das vozes mais importantes de sua comunidade, é quem convoca, no seio de Fangorn, o “Entebate”, isto é, uma reunião de cunho político de sua espécie, no qual os *Ents* discutem abertamente os impactos causados à floresta pelas ações do mago branco.

[...] **“Maldito seja, raiz e ramo! Muitas daquelas árvores [destruídas pelo mago] eram minhas amigas, criaturas que eu conhecia desde a noz e a bolota; muitas tinham suas próprias vozes que agora estão perdidas para sempre.** E há desertos de tocos e sarças onde outrora havia arvoredos cantantes. Estive ocioso. **Deixei as coisas fugirem ao controle. Isso precisa parar!**” Barbárvore ergueu-se do leito com um arranco, pôs-se de pé e bateu com a mão na mesa. Os recipientes de luz tremeram e emitiram para cima dois jatos de chama. Houve um tremeluzir em seus olhos como um fogo verde, e sua barba se projetava, rígida, como uma grande vassoura. **“Eu vou parar isso!”**, disse com estrondo. “E vós haveis de vir comigo. Podeis ser capazes de me ajudar. Desse modo também ajudareis vossos próprios amigos; pois se Saruman não for impedido, Rohan e Gondor terão um inimigo às costas assim como pela frente. Nossas estradas andam juntas — Isengard!” (TOLKIEN, 2019a, p. 663, grifos nossos).

Embora a narrativa se erga, conforme destacado, em um universo repleto de encantamento e magia, não há indícios de que eles serão capazes de reparar os grandes malefícios causados ao meio ambiente em nome de Saruman. Barbárvore, o guardião, lamenta a morte de suas amigas árvores que “conhecia desde a noz e a bolota” (TOLKIEN, 2019a, p. 663), mas não se acovarda e, de forma convocatória, inflama seus iguais a lutarem contra o mago de Isengard. O *Ent* assume, pela própria força de suas palavras e, claro, de suas ações, a primeira posição – “Eu vou parar isso!” – e, junto dele, a floresta se levanta em uníssono contra o seu inimigo.

[...] Pippin olhou para trás. O número de *Ents* havia crescido — ou o que estava acontecendo? Onde deviam estar as encostas áridas e indistintas que haviam atravessado, ele pensava ver capões de árvores. Mas elas se moviam! Podiam as árvores de Fangorn estar despertas, e a floresta se erguendo, marchando à guerra por cima das colinas? Esfregou os olhos, perguntando-se se o sono e a sombra o tinham enganado; mas os grandes vultos cinzentos avançavam continuamente. Havia um ruído como de vento em muitos galhos. Agora os *Ents* se aproximavam da beira da crista, e todas as canções haviam cessado. Caiu a noite e fez-se silêncio: nada se ouvia senão um fraco estremecimento da terra sob os pés dos *Ents* e um farfalhar, a sombra de um sussurro como de muitas folhas à deriva. Por fim estavam no cume, e olharam para uma cova escura lá embaixo: a grande fenda no fim das montanhas: Nan Curunír, o Vale de Saruman. “A noite jaz sobre Isengard”, disse Barbárvore (TOLKIEN, 2019a, p. 679).

A batalha de Isengard apresenta-se, diante desse movimento de reação dos *Ents*, como a materialização da natureza, sem intermédios, isto é, por si mesma, confrontando e derrotando as áreas industriais. O confronto representa, nas palavras de Paulo Teixeira (2011), “a crítica [de Tolkien] contra a modernidade e, principalmente, contra a modernização” nos países centrais ao capitalismo. Os *Ents* aqui, continua o crítico, “expressam toda uma revolta contra destruição do mundo em nome do progresso” (TEIXEIRA, 2011, p. 79).

Corroborando com as formulações de Teixeira (2011), Roney Pavani e Suellen Lourenço, em seu artigo *Os paradoxos da modernidade na fantasia de J.R.R. Tolkien (1917 – 1949)* (2022), destacam como a poética tolkieniana, dos contos aos romances, é fortemente atravessada por uma série de críticas às múltiplas contradições da modernidade. Para os estudiosos, o cerne do questionamento levantado pelo autor inglês reside, fundamentalmente, na descrença do projeto iluminista de contínuo progresso humano, para o qual “a humanidade avançou do passado – a partir de alguma condição original de primitivismo, barbárie ou até nulidade – [e] continua a avançar no presente e deverá ainda avançar infinitamente através do futuro” (PAVANI; LOURENÇO, 2022, p. 46).

Levando em consideração essa leitura, a humanidade estaria continuamente avançando, em uma espécie de percurso unilateral, em direção ao futuro, marcado pela elevação tecnológica e, paralelamente, moral. Contudo, contrariando a prerrogativa iluminista, essa percepção mostrou-se, sobretudo, com base nos eventos da primeira metade do século XX⁸, muito distantes da realidade experienciada. Tolkien (2019), com isso, se mostra ciente de tais ambiguidades, de acordo com o que ressaltam Roney Pavani e Suellen Lourenço (2022), uma vez que

[...] transmite um conteúdo de ideias de matriz conservadora⁹, na medida em que percebe sempre a realidade como trágica, decadente, fútil e ameaçadora. Mais do que isso, identifica as ambivalências da modernidade, sendo a tecnologia e a guerra seus elementos mais marcantes, em sua própria origem, isto é, no aspecto dialético da Razão Iluminista. Se o projeto iluminista falhou, e o autor assim o crê, isso não se deve a um mau uso dele ou a um acidente. **Não há outra saída, portanto, se não o rejeitar. O roteiro elementar do romance *The Lord of the Rings*, isto é, a**

⁸ Referimo-nos, aqui, a emergência das duas guerras mundiais, ocorridas entre 1914 e 1945, bem como os seus desdobramentos diretos, sejam eles, respectivamente, a Revolução Russa (1917), a Crise de 1929, o Holocausto Nazista (1941-1944) e a Guerra Fria (1947-1991).

⁹ Sobre o aspecto conservador de Tolkien, salientam os autores: “Em primeiro lugar, a definição que adotamos para o conceito de ‘conservadorismo’ vai além do senso comum. [...] Os autores conservadores pretendem, em contrapartida aos teóricos liberais ou socialistas, criar uma via alternativa de acesso para o mundo moderno, aceitando em maior ou menor grau temas presentes no ideário iluminista” (PAVANI; LOURENÇO, 2022, p. 46).

destruição de um instrumento de poder, é uma metáfora dessa visão. (PAVANI; LOURENÇO, 2022, p. 50, grifos nossos).

Diante da paradoxal associação do progresso à bem-aventurança, o autor de *O Hobbit* coloca-se, conforme destacado pelos críticos, em franca oposição ao projeto “progressista”, em seu sentido teleológico, da modernidade. Sua obra, nessa perspectiva, ergue-se, entre outras possibilidades, como metáfora e, ao mesmo tempo, alerta para essa crise epistemológica e humanística. Em *O Senhor dos Anéis*, por exemplo, Saruman, o mago branco, e Sauron, o senhor do escuro, colocam-se, cada qual ao seu modo, como agentes de transformação, em seu sentido mais destrutivo, do meio ambiente. Ambos os personagens, construídos a partir do arquétipo do colonizador, encaram o outro – sujeito e natureza – como fonte de recursos a serem exaustivamente explorados.

Essa percepção, que hierarquiza e qualifica todos os indivíduos como dominantes e/ou dominados, na leitura de Jason W. Moore (2022), estudioso do antropoceno, dificulta a relação de convivência entre os envolvidos, pois

[...] para que os humanos e a biosfera se tornem integrais, é preciso varrer a releitura da visão do planeta como uma variedade de “recursos” (ou “capital natural”, “serviços ecossistêmicos”, “paisagens funcionais” e assim por diante), em favor de uma visão mais cósmica e verdadeira da terra como um planeta selvagem transbordando abundância e criatividade (MOORE, 2022, p. 57).

A proposta integrativa de Jason Moore (2022) não deve ser encarada como “um convite velado de retorno à fase pré-neolítica, nem sinaliza automaticamente um teto *a priori* para a inovação tecnológica” (MOORE, 2022, p. 56), pelo contrário, sua prerrogativa fundamenta-se em uma visão alternativa de convivência e desenvolvimento – social e humano – mais sustentável. Entretanto, embora Moore (2022), assim como Nascimento (2021) e outros estudiosos, discorra, fora da composição ficcional, acerca das múltiplas possibilidades de coexistência entre as mais diversas formas de vida no mundo natural, na esfera poética, retomando o romance de Tolkien (2019), o convívio entre esses indivíduos torna-se insustentável, entre outros fatores, pelo crescente movimento de expansão e destruição do meio ambiente promovido por Saruman. A partir de seus atos, os *Ents*, enquanto representantes da natureza em ação, enfrentam os seus detratores, culminando na derrota do mago e, por consequência, de todo seu maquinário.

Após o conflito,

[...] Por algum tempo os viajantes permaneceram sentados onde outrora se ergueram os antigos portões de Isengard, e agora havia ali duas árvores altas, como sentinelas no começo de uma trilha ladeada de verde que se estendia para Orthanc; e contemplaram admirados o trabalho que fora feito, mas não conseguiam ver ser vivo, longe nem perto. Mas em seguida ouviram uma voz que chamava “huum-hom, huum-hom”; e ali veio Barbárvore, percorrendo a trilha a largos passos para cumprimentá-los, com Tronquesperto ao seu lado. **“Bem-vindos ao Jardimárvore de Orthanc!”**, disse ele (TOLKIEN, 2019a, p. 1160. grifos nossos.).

Assim como o reflorescimento da árvore branca de Gondor, ao fim da narrativa, opera como símbolo da vitória dos homens contra as forças sombrias de Sauron, o reestabelecimento do elemento natural em Isengard, uma vez mais, (re)configura-se como indício da esperança e, mais do que isso, como metáfora para o triunfo da natureza em face da industrialização. Barbárvore e Tronquesperto, junto a outros seres da floresta de Fangorn, foram capazes de resgatar o espaço outrora destruído, demonstrando, pela própria coerência narrativa, que existe a possibilidade de reversão – por meio de uma ação conjunta – dos malefícios causados pela exploração inconsequente do meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que a literatura fantástica ou a literatura maravilhosa, conforme se destacou em Todorov (2011), se estruture a partir do imaginário sociocultural de um determinado período histórico, sua referencialidade, em última instância, encontra-se ancorada na realidade material. Esse imaginário, por sua vez, conforme acreditam Georges Duby e Guy Lardreau (1989), “tem tanta realidade como o material, [...] [ou seja,] o vestígio de um sonho não é menos ‘real’ que o de um passo” (DUBY; LARDREAU, 1989, p. 38). A própria imaginação, como já prefigurava Aristóteles, torna-se, nesse sentido, mais uma das múltiplas possibilidades de se compreender, discutir e analisar a realidade pré-existente. Sob essas lentes teóricas, defendeu-se, nesse artigo, que a poética de J. R. R. Tolkien, ao encenar, em *O Senhor dos Anéis* (2019), a complexa relação de exploração de Fangorn pelo mago Saruman, metaforiza a própria destruição do meio ambiente, bem como sua reação, que ocorrem fora do campo ficcional, isto é, na sociedade capitalista contemporânea.

Conforme destacou-se, com base nos estudos de Paulo Teixeira (2011), Roney Pavani e Suellen Lourenço (2022), Tolkien (2019a) esboçou, ainda, uma potente crítica à modernidade, extremamente atravessada, em sua leitura, pela paradoxal relação do desenvolvimento tecnológico como fator humano de destruição do ecossistema. Embora as preocupações do

autor empírico com a natureza sejam evidentes, ao longo deste trabalho, não buscamos defender que a ficção tolkieniana configura-se, de modo categórico, como ecocrítica. Nosso esforço foi de apontar, à luz dos estudiosos do campo (GARRARD, 2004; BARRY, 2009), a possibilidade de leitura da sua obra a partir dessa nova perspectiva analítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRY, Peter. **Ecocriticism, in The Beginning Theory: An Introduction to Literary and Cultural Theory**. 3. ed. Manchester: Manchester UP, 2009.

CARLI, Ranieri. **A estética de Gyorgy Lukács e o triunfo do realismo na literatura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

CARPENTER, Humphrey. **The Letters of J.R.R. Tolkien: A Selection**. London: Harper Collins, 2012.

CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien: Uma Biografia**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro; Harper Collins Brasil, 2018.

DARNOV, Doron. "A mind of metal and wheels": Technology, Instrumental Reason, and Industrialization in The Lord of the Rings. In.: SHERMANN, Alexander; STARK, Meghan (orgs). **The Madison Journal of Literacy Criticism**, v. 5, p. 36-55, 2015.

DUBY, Georges. LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a Nova História**. Tradução de Teresa Meneses; Lisboa; Editora Dom Quixote, 1989.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. New York: Routledge, 2004.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Ed.). **The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology**. Athens: University Of Georgia Press, 1996.

MOORE, Jason W. **Antropoceno ou Capitoloceno?** São Paulo: Editora Elefante. 2022.

NASCIMENTO, E. **O pensamento vegetal: a literatura e as plantas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2021.

PAVANI, Roney Marcos. **As ideias políticas na obra ficcional de J. R. R. Tolkien (1917-1949): decadência, desencanto, tragédia, ameaça**. Repositório de anais da Associação Nacional de História (ANPUH-GO), p. 519-533, 2022.

PAVANI, Roney Marcos; LOURENÇO, Suellen Pereira Miotto. Os paradoxos da modernidade na fantasia de J.R.R Tolkien (1917-1949). **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 13, n. 2, p. 35-53, 2022.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

STAINLE, Stéfano. A construção do maravilhoso no conto de fadas, na fábula e no romance: “Chapeuzinho vermelho”, “A cigarra e as formigas” e “O Hobbit”. In.: ROSSI, Cido; STAINLE, Stéfano (org.). **Folhas da árvore**: a ficção de Tolkien. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. p. 107-125.

TEIXEIRA, Paulo Armando Cristelli. **Magia e tecnologia a serviço da verdade**: O Senhor dos Anéis e a crítica à modernidade. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Senhor dos Anéis**. Tradução: Ronald Kyrmse. São Paulo: Harper Collins, 2019a.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit**: ou lá e de volta outra vez. Tradução: Reinaldo José Lopes. 1º ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

VEIGA, José Eli da. **O Antropoceno e as Humanidades**. São Paulo: Editora 34, 2023.

WILLIAMS, Raymond. **The Country and the City**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1973.